KATJA HOYER

Para Lá do Muro

UMA HISTÓRIA DA ALEMANHA DE LESTE

«Esqueça tudo o que achava que sabia sobre a vida na RDA.» *SUNDAY TIMES*

BESTSELLER INTERNACIONAL

vogais

Em memória de Harry, o mais fiel dos companheiros,
o mais fiável dos confidentes e sempre um calmo refúgio
nas horas de tempestade.

Índice

Prefácio 15

1. Presos entre Hitler e Estaline (1918–1945) 23
2. Erguida das Ruínas (1945–1949) 55
3. Dores de Nascimento (1949–1952) 93
4. A Construção do Socialismo (1952–1961) 141
5. Tijolo a Tijolo (1961–1965) 191
6. A Outra Alemanha (1965–1971) 231
7. Milagres Planeados (1971–1975) 269
8. Amigos e Inimigos (1976–1981) 307
9. Despreocupação Existencial (1981–1986) 353
10. Tudo Toma o Seu Rumo Socialista (1987–1990) 399

Epílogo: Unidade 445

Agradecimentos 453
Notas 455
Bibliografia 469
Índice de Nomes 487

Guerra Fria na Europa em 1989

Pacto de Varsóvia
NATO
Países não alinhados
FINLÂNDIA
Helsínquia
SUÉCIA
Estocolmo
ESTÓNIA
LETÓNIA
LITUÂNIA
Mar Báltico
Copenhaga
Moscovo
UNIÃO SOVIÉTICA
Berlim
Varsóvia
POLÓNIA
Praga
UCRÂNIA
CHECOSLOVÁQUIA
Viena
Budapeste
HUNGRIA
ROMÉNIA
Zagreb
Mar Negro
Bucareste
Belgrado
JUGOSLÁVIA
BULGÁRIA
Sófia
Ancara
TURQUIA
Tirana
ALBÂNIA
GRÉCIA
Atenas
0
500 km

Alemanha dividida, separada em Länder.
A divisão da RDA em cinco Länder foi dissolvida em 1952, mas serão usados como topónimos ao longo deste livro, por uma questão de clareza e consistência.

0 100 km

Distritos administrativos da RDA, em 1952–1990

Dinamarca
N
Mar Báltico
Bergen
Stralsund
Ribnitz-Damgarten
Grimmen
Bad Doberan
Rostock
Greifswald
Gresesmühlen
Wismar
Bützow
Demmin
Teterow
Anklam
Ueckermünde
Malchin
Schwerin
Neubrandemburgo
Waren
Estrasburgo
Pasewalk
Hagenow
Parchim
Neustrelitz
Ludwigslust
Prenzlau
Wittstock
Templin
República Federal da Alemanha
Perleberg
Pritzwalk
Schwedt
Angermünde
Kyritz
Neuruppin
Polónia
Eberswalde-Finow
Salzwedel
Oraniemburgo
Bad Freienwalde
Bernau
Rathenow
Stendal
Nauen
Strausberg
Gardelegen
Berlim Ocidental
Berlim
Brandemburgo
Genthin
Potsdam
Fürstenwalde
Frankfurt
Heldensleben
Königs Wusterhausen
Burg
Wolmirstedt
Eisenhüttenstadt
Magdeburgo
Luckenwalde
Oschersleben
Schönebeck
Jüterbog
W.-Piesk-St. Guben
Halberstadt
Zerbst
Roßlau
Wittenberg
Lübben
Staßfurt
Wernigerode
Quedlinburg
Bernburg
Dessau
Cottbus
Aschersleben
Köthen
Forst
Hettstedt
Finsterwalde
Bitterfeld
Spremberg
Torgau
Nordhausen
Eisleben
Weißwassel
Halle
Delitzsch
Senftenberg
Heilbad Heiligenstadt
Sangerhausen
Halle-Neustadt
Eilenburgo
Hoyerswerda
Leipzig
Wurzen
Sonderhausen
Riesa
Niesky
Merseburgo
Oschatz
Großenhain
Kamenz
Weißenfels
Grimma
Bautzen
Mühlhausen
Sömmerda
Meißen
Bischofswerda
Görlitz
Naumburg
Borna
Döbeln
Bad Langensalza
Dresden
Lübau
Apolda
Zeitz
Freital
Eisenach
Weimar
Altemburgo
Sebnitz
Hainichen
Gotha
Erfurt
Jena
Eisenberg
Flöha
Freiberg
Pirna
Zittau
Schmölln
Bad Salzungen
Arnstadt
Gera
Glauchau
Karl-Marx-Stadt
Rudolstadt
Zschopau
Schmalkalden
Ilmenau
Poßneck
Werdau
Greiz
Zwickau
Meiningen
Suhl
Saalfeld
Annaberg-Buchholz
Reichenbach
Plauen
Hildburghausen
Sonneberg
Auerbach
Schwarzenberg
Checoslováquia
Oelsnitz
Klingenthal
A RDA
0
50 km

Berlim Dividida após a Segunda Guerra Mundial

Prefácio

Halle, Saxónia-Anhalt, 3 de outubro de 2021. Uma mulher de 64 anos, de *blazer* bege e calças pretas, sobe ao palco. Sendo talvez a mulher mais poderosa à face da Terra, a sua imagem era instantaneamente reconhecível. Os seus fatos de calça, o cabelo curto louro e a postura decidida tinham-se tornado icónicos. Enquanto ocupava o seu lugar entre as bandeiras da Alemanha e da União Europeia e ajustava os microfones sobre o púlpito, muitas pessoas entre o público sentiam estar a testemunhar um momento histórico. Após dezasseis anos ao leme da maior democracia da Europa, Angela Merkel, a chanceler alemã prestes a abandonar o cargo, iria falar sobre unidade nacional.

O dia 3 de outubro é aquilo que mais se aproxima de um dia nacional alemão. Conhecido como o Dia da Unidade Alemã, marca o aniversário da reunificação do país em 1990, após quarenta e um anos durante os quais existiram dois Estados alemães separados: a República Federal da Alemanha (RFA), a oeste, e a República Democrática Alemã (RDA), a leste. Tinham passado trinta e um anos desde então, o que não constituía tempo suficiente para enterrar a divisão alemã nas profundezas da história. Pelo contrário. A reunificação, como começava por dizer a chanceler de saída, era um acontecimento que «a maioria de nós viveu conscientemente e que mudou as nossas vidas».[1]

O ano de 1990 foi um momento determinante não apenas para a nação, mas para Merkel pessoalmente. Marcava o início da sua abrupta ascensão ao pináculo da política alemã. Em 1954, quando tinha

apenas 3 meses, o pai deslocara a família da Alemanha Ocidental para a Oriental. Merkel passaria os primeiros trinta e cinco anos da sua vida do lado oriental da linha divisória alemã. Foram os anos que a viram transformar-se de uma filha de sacerdote numa confiante cientista, e que a moldaram pelo menos tanto quanto as três décadas a seguir a 1990.

A longa carreira de Angela Merkel no topo da política alemã presta testemunho dos muitos sucessos da reunificação. Quando o Estado da Alemanha Oriental, que fora o seu lar, se desintegrou subitamente e se tornou parte do sistema da Alemanha Ocidental, ao qual se opusera durante tanto tempo, Merkel disparou em frente, sem olhar para trás. Ou, pelo menos, sem o fazer em público. Percebeu que, no papel, os seus antecedentes na Alemanha Oriental eram uma vantagem política num país que queria mostrar que era agora uma nação unida. Mas, na realidade, isso só era verdade em termos de antecedentes e não em termos da sua identidade. O sistema não queria ser constantemente recordado de que o muro entre as mentalidades dos alemães de Leste e de Oeste levaria mais tempo a ser derrubado do que o físico.

Nas raras ocasiões em que Merkel revelou pormenores acerca da sua vida na RDA, tal foi encarado com hostilidade nos círculos de poder que continuam a ser largamente dominados pelos antigos alemães ocidentais. Quando disse, em 1991, que a sua tese de doutoramento, em 1978, a obrigara a escrever um ensaio intitulado «Qual é o estilo de vida socialista?», os jornalistas moveram mundos e fundos para encontrar o artigo. «Quem sabe que escândalo estariam à espera de expor?», ironizou Merkel mais tarde.[2] Esse trabalho político fazia parte integrante da vida universitária na RDA e era visto como uma tarefa ingrata por muitos, incluindo a própria Merkel, que teve a sua única má nota naquele ensaio, no meio de um conjunto de classificações académicas siderais. Como em relação a muitos outros aspetos da vida na RDA, também este episódio mostrava que «é óbvio que é incrivelmente difícil compreender e tornar compreensível a forma como vivíamos nessa altura», como Merkel observou, pouco antes de se tornar chanceler em 2005.[3]

Embora Merkel se conformasse a manter uma apertada reserva acerca do seu passado na Alemanha de Leste, este continuava a ser

uma parte dela de que não podia abdicar. Em outubro de 2021, com a sua aposentação política à vista, aproveitou a oportunidade do seu último Dia da Unidade Alemã no cargo para se opor à forma como as histórias de vida na Alemanha de Leste, como a sua, tinham sido tratadas como esqueletos no armário da nação. Uma publicação da Konrad-Adenauer-Stiftung, uma fundação próxima do próprio partido político de Merkel, elogiara a sua adaptabilidade política à luz daquilo a que chamavam o «lastro da sua biografia alemã oriental».[4] Esta infeliz frase incomodou claramente a chanceler. «Lastro?», indignou-se com aquela descrição do início da sua vida. «Um peso desnecessário que pode simplesmente ser largado?»[5] Naquele invulgar momento público pessoal, realçou, não estava a falar como chanceler, mas como «uma cidadã do Leste, como uma dos mais de 16 milhões de pessoas que viveram a sua vida na RDA e que sentiram repetidamente juízos como aquele [...], como se a vida antes da reunificação alemã realmente não contasse [...], independentemente das boas ou más experiências que tenham tido».[6]

A frustração de Merkel com a forma como a sua vida inicial na Alemanha de Leste continua a ser menosprezada como irrelevante é partilhada por muitos dos seus antigos concidadãos da RDA. Os inquéritos realizados desde 1990 têm mostrado que a maioria tem continuado a sentir que é tratada como «cidadãos de segunda classe» no país reunificado. Dois terços continuam a sentir-se hoje dessa forma.[7] Muitos experimentaram pressão, explícita ou implícita, para alijarem o seu «lastro» alemão oriental e se adaptarem a uma cultura que era nova para eles. Mesmo Merkel, que se adaptou ao mundo pós-reunificação com extremo sucesso, percorrendo uma íngreme escadaria política até ao cimo, continuava a ser recordada pela imprensa que, por vezes, «vinha à tona» que ela não era «nascida alemã ocidental e europeia»[8] — como se não fosse uma cidadã «nativa», nem «original», do país que fora eleita para governar. Após dezasseis anos no mais alto cargo político do território, esta alemã oriental ainda tinha de continuar a provar a sua lealdade, renegando o que acontecera antes.

Da mesma forma que os indivíduos alemães orientais são convidados a minimizar os traços do seu passado pré-1990, a nação como um todo parece supremamente desconfortável com a RDA enquanto

capítulo da sua história. Sob muitos aspetos, o processo de obliteração da RDA da narrativa nacional começou ainda antes do seu desaparecimento final. Em 1989, após a queda do Muro de Berlim, o antigo chanceler alemão ocidental Willy Brandt, declarou, celebremente: «Agora, aquilo que pertence estar junto crescerá junto.» Para muitos alemães, de Leste e de Oeste, a divisão do seu país, que parecia ser uma inevitabilidade durante a Guerra Fria, parecia agora uma aberração, um produto da Segunda Guerra Mundial e, talvez, um castigo por sua causa. Agora em 1990, a Alemanha não fizera já o suficiente para ultrapassar este sombrio capítulo do seu passado? Não merecia poder começar de novo, sem essas constantes recordações? O epíteto de Francis Fukuyama para o final da Guerra Fria como «o fim da história» parecia particularmente adequado à Alemanha. A nação queria, precisava na verdade, de ver a reunificação como um final feliz para o seu tumultuoso século XX. Reconhecer o continuado impacto das décadas de divisão alemã como algo diferente de uma história distante destrói esta reconfortante ilusão. Se tivéssemos mesmo de recordar a RDA, então que fosse como uma das ditaduras da Alemanha — tão remota, sinistra e irremediável como o nazismo.

Traçar uma linha por cima de ambos os Estados alemães e ver 1990 como o novo começo para todos os alemães estava também fora de questão. Os alemães ocidentais tinham-se habituado à ideia de 1945 ser a sua «hora zero», o ponto a partir do qual os tenros rebentos da democracia despontavam das cinzas da Segunda Guerra Mundial. Quaisquer que fossem os problemas que a incipiente República Federal pudesse ter, a prosperidade e a estabilidade que produzira eram como um cobertor macio para uma população que, desde 1914, pouco mais conhecera do que o tumulto. Aquela era uma Alemanha de que estavam orgulhosos. A Alemanha Ocidental foi considerada o Estado de continuação e a Alemanha Oriental a anomalia. A reunificação em 1990 parecia ser assim um final satisfatório para uma separação forçada. E também para muitos alemães orientais era precisamente assim. Em 1989 e 1990, muitos votaram a favor da dissolução do seu país para todos os efeitos.

A reunificação consensual não significa que a vida na Alemanha Oriental mereça ser esquecida, ou arquivada como um período

histórico irrelevante. Os altos e baixos da RDA, enquanto experiência política, social e económica, deixaram uma marca nos seus antigos cidadãos, que conservam essa experiência consigo — e não como um mero «lastro». Milhões de alemães hoje vivos não podem, nem querem, negar que viveram outrora na RDA. Embora o mundo que os moldou tenha caído com o Muro de Berlim em 1989, as suas vidas, experiências e memórias não foram arrasadas com ele. No entanto, aos olhos de grande parte do Ocidente, a RDA perdeu verdadeiramente a Guerra Fria em solo alemão, invalidando moralmente tudo o que lá existisse. Quando a República Democrática Alemã desapareceu literalmente da noite para o dia, a 3 de outubro de 1990, perdeu o direito de escrever a sua própria história. Em vez disso, *passou* à história. E a história é escrita pelos vencedores — a Alemanha de Leste não é exceção.

Grande parte do Ocidente tem dificuldade em perceber a razão pela qual alguém optaria por recordar a sua vida atrás da Cortina de Ferro. Ganhar a Guerra Fria parecia ter provado que os modelos de vida alternativos estavam errados. Enquanto o consumismo ocidental e os valores liberais são recordados em cores garridas, a RDA é representada como um borrão cinzento e monótono — um mundo sem individualidade, iniciativa ou sentido. Na imaginação ocidental, os alemães orientais desperdiçaram quarenta e um anos numa colónia murada russa, controlada pelo Ministério de Segurança do Estado, mais conhecido como Stasi. O que há que valha a pena recordar?

Reduzir toda a RDA a uma nota de rodapé na história da Alemanha para ser esquecida é anti-histórico. O Estado alemão oriental durou mais de quarenta anos, mais do que a Primeira Guerra Mundial, a República de Weimar e a Alemanha nazi todas juntas. Nunca foi a terra estática esquecida pelo tempo entre 1949 e 1989. Essas décadas assistiram a uma imensa mudança. Na verdade, grande parte da trajetória da RDA foi moldada pelas pessoas e pelos acontecimentos cujos anos de formação se situam nas décadas não apenas mesmo antes de o Muro ser construído em 1961, mas antes de o próprio país ser fundado, em 1949. A Alemanha encontrara-se num estado quase constante de sublevação desde 1914, e as consequências económicas, políticas, sociais e psicológicas dessa tumultuosa primeira metade do século XX não desapareceram subitamente quando a RDA foi constituída.

Este livro rastreia as raízes da República Democrática Alemã para lá da sua fundação, para fornecer o contexto para as circunstâncias a partir das quais o país nasceu em 1949. Traço os desenvolvimentos que se seguiram ao longo de todas as quatro décadas, em vez de as tratar com um todo estático. Na década de 1950, a jovem república estava quase inteiramente preocupada em estabilizar, política e economicamente, os seus alicerces. Fê-lo tanto com o acordo como com o desacordo dos seus cidadãos, o que resultou numa década marcada pelo espírito de iniciativa e também por violentas erupções de descontentamento.

Quando o Muro de Berlim foi construído, em 1961, provocando a contenção forçada do êxodo de mão de obra especializada para a Alemanha Ocidental, o país pareceu estabilizar. Ambiciosos projetos imobiliários, como a nova imagem da Alexanderplatz com a sua icónica torre televisiva, combinaram-se com a febre espacial e as inovações científicas, criando um verdadeiro sentimento de progresso e identidade nacional. Muitos alemães orientais estavam orgulhosos das suas realizações, enquanto a mobilidade social fornecia oportunidades sem precedentes para as classes trabalhadoras.

À medida que os frutos do seu trabalho criavam os mais altos padrões de vida do mundo comunista na década de 1970, a RDA afirmava-se no palco internacional, tornando-se membro das Nações Unidas e sendo reconhecida por muitos países em todo o mundo. Os produtos da Alemanha Oriental eram exportados para sítios tão longínquos como a Grã-Bretanha ou os Estados Unidos. Mas as crises petrolíferas da década realçaram as vulnerabilidades intrínsecas e a dependência da RDA em relação à União Soviética (URSS). Quando Moscovo repudiou as suas prometidas entregas de petróleo e gás, a Alemanha de Leste deixou de conseguir manter, sem entrar em bancarrota, os padrões de vida a que a sua população estava habituada.

O regime envelhecido estava a começar a perder a noção da realidade e a ficar sem ideias. Em meados da década de 1980, o sistema calcificara, ficando inflexível e quebradiço, com uma extrema necessidade de reforma. Quando viram que isso não estava para breve, os próprios alemães orientais tomaram a iniciativa para provocar a mudança. As fases de abertura ao Ocidente e de retração sobre si mesma

surgiram e desenvolveram-se ao longo de cada década, e as experiências da Alemanha de Leste, boas e más, foram moldadas por estas complexas marés históricas.

A Stasi vigiou e, muitas vezes, interferiu nas vidas das pessoas em todas as fases da história da RDA, contudo, não tornou as pessoas da Alemanha de Leste passivas. De modo semelhante, o próprio Estado, embora dependente da boa vontade de Moscovo, nunca foi um passivo satélite soviético. Os alemães orientais viveram e moldaram uma experiência especificamente alemã que abrangeu grande parte da segunda metade do século XX. As suas idiossincrasias políticas, económicas, sociais e culturais merecem uma história que as trate como mais do que uma «Stasilândia» murada e que lhes confira o seu lugar próprio na história alemã.

Com base em entrevistas, cartas e registos, este livro dá palco a um âmbito alargado de vozes alemãs orientais. As suas histórias de vida são fundamentais para o meu relato do Estado que moldaram e pelo qual foram moldadas. Os entrevistados deste livro incluem políticos como Egon Krenz, um dos últimos líderes da RDA, e artistas como o cantor *pop* Frank Schöbel. A maioria consistiu naqueles que faziam o Estado funcionar: desde professores, contabilistas e operários fabris até polícias e guardas fronteiriços. O resultado é uma nova história da RDA que mostra todas as facetas do seu país desaparecido — desde a alta política até à vida quotidiana.

O contexto da Guerra Fria criou imagens simplistas do Outro de ambos os lados da Cortina de Ferro. A RDA pintou uma imagem do Ocidente com largas e hostis pinceladas, ao passo que, por seu lado, se tornou uma caricatura do mundo monocromático do comunismo que, supostamente, estava do outro lado do Muro. Mais de três décadas passaram desde o desaparecimento da RDA, e uma nova geração de alemães cresceu sem as fronteiras físicas que os separavam. Nunca viveram o sistema de competição entre as duas Alemanhas, nem a existência de dois exércitos alemães a apontarem um aterrador arsenal de armas um ao outro. À medida que a Guerra Fria e a intensa hostilidade que esta alimentou se desvanecem cada vez mais no passado, temos novas oportunidades para estudar a Alemanha de Leste com desapego emocional e político.

Talvez as feridas da separação, de identidades perdidas e ganhas, estivessem demasiado abertas para serem analisadas durante a era imediata da pós-reunificação, quando parecia preferível deixar que sarassem. Agora, é altura de nos atrevermos a lançar um novo olhar sobre a RDA. Aqueles que o fizerem de olhos abertos encontrarão um mundo cheio de cores, não apenas a preto-e-branco. Sim, havia opressão e brutalidade, mas também oportunidade e pertença. A maioria das comunidades da Alemanha Oriental experimentou tudo isso. Houve lágrimas e raiva e houve riso e orgulho. Os cidadãos da RDA viveram, amaram, trabalharam e envelheceram. Foram de férias, contaram anedotas sobre os seus políticos e criaram os filhos. A sua história merece um lugar na narrativa alemã. Chegou a altura de lançarmos um olhar sério sobre a outra Alemanha, para lá do Muro.

«Os cidadãos da RDA viveram, amaram, trabalharam e envelheceram. Foram de férias, contaram anedotas sobre os seus políticos e criaram os filhos. A sua história merece um lugar na narrativa alemã.»

Em 1990, um país desapareceu. Quando a cortina de ferro caiu, a República Democrática Alemã simplesmente deixou de existir. Durante mais de quarenta anos, a RDA apresentou uma identidade alemã radicalmente diferente de tudo o que tinha existido antes e de tudo o que existe hoje. Solidariedade socialista, polícia secreta, planeamento central, arame farpado — esta era uma Alemanha forjada nas falhas da ideologia e da geopolítica.

Em *Para Lá do Muro*, a aclamada historiadora Katja Hoyer oferece uma nova visão caleidoscópica de um país desaparecido. Desde a construção do Muro de Berlim, em 1961, até à relativa prosperidade da década de 1970, passando pelos alicerces do socialismo em meados dos anos 1980, a autora argumenta que, no meio da opressão e das dificuldades frequentes, a Alemanha de Leste albergava uma rica paisagem política, social e cultural, um lugar muito mais dinâmico do que a caricatura da Guerra Fria muitas vezes retratada pelo Ocidente.

Contada de forma poderosa, e com base num vasto conjunto de entrevistas, cartas e registos inéditos, esta é a derradeira história da outra Alemanha, aquela que ficava para lá do muro.

«Uma obra-prima. Deita por terra muitos dos indolentes mitos ocidentais sobre a Alemanha de Leste.»

ANDREW ROBERTS, autor *bestseller*

Penguin Random House Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-707-6